



"DOCES BÁRBAROS": POR UMA NOVA SENSIBILIDADE DOS PROFESSORES HOMENS NA EDUCAÇÃO INFANTIL "Barbarian sweets": for a new sensitivity of teacher's men in child education

Vitor **JANEI**
Mestre em Educação
Universidade Federal de São Carlos
Centro de Educação e Ciências Humanas
São Carlos, Brasil
vitorjanei@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0003-0954-7689>

Silvio Ricardo Munari **MACHADO**
Doutor em Educação
Pesquisador autônomo
munari.machado@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0003-3700-5908>

A lista completa com informações dos autores está no final do artigo ●

RESUMO

O presente ensaio tem por objetivo tratar a Educação Infantil como campo intensivo de experimentação, invenção e criação de novas sensibilidades, de uma nova suavidade, uma nova doçura a partir dos encontros, relações, conexões e agenciamentos entre homens, mulheres e crianças que se dão nas escolas de infância. Para isso, recorreremos a autores como Gilles Deleuze, Félix Guattari e Suely Rolnik e, conceitos como diferença, diferenciação, devir e blocos para nos ajudar a pensar os processos de subjetivação dos professores homens engendrados no cotidiano das creches e pré-escolas.

PALAVRAS-CHAVE: Educação Infantil. Homens. Diferença. Infância.

ABSTRACT

This essay focuses on Early Childhood Education as an intensive field of experimentation, invention and creation of new sensibilities, of a new softness, a new gentleness from the meetings, relationships, connections and agencies between men, women and children that take place in kindergarten. For this, we resort to authors such as Gilles Deleuze, Félix Guattari and Suely Rolnik and, concepts such as difference, differentiation, becoming and blocks to help us think about the subjectivation processes of male teachers which are engendered in the daily life of these kind of daycare centers for children.

KEYWORDS: Child Education. Men. Difference. Childhood.

INTRODUÇÃO

Este ensaio começou a ser gestado tempos atrás, quando um de seus autores foi convidado a mediar uma mesa sobre a presença de professores homens na Educação Infantil¹. Desde então, começou a refletir sobre seu percurso como professor em escolas de infância públicas e privadas. Tal exercício trouxe à tona algumas marcas produzidas ao longo de sua trajetória profissional, no encontro com as crianças e colegas de trabalho – professoras, coordenadoras pedagógicas, diretoras – neste território, ainda um tanto alheio para alguns homens, denominado Educação Infantil.

São essas marcas, encarnadas em um corpo docente, que deram início a uma interlocução entre dois pedagogos, que moveram a escrita deste texto e que podem ser traduzidas por algumas inquietações, questões e interrogações: Por que é tão significativo que os homens habitem as escolas de infância? Por quais razões deve-se lutar pelo direito de entrar, ocupar, exercer e permanecer no cargo de professor de Educação Infantil?

A escrita levou a pensar que, ao estar presente nas creches e pré-escolas, abre-se para “O Homem”² um possível campo intensivo de experimentação, criação e invenção de outras sensibilidades, uma abertura do corpo para os fluxos, os devires; para respiros, sopros de vida, ventos, ventanias e vendavais que nos arrastam, nos tiram de nós mesmos, nos fazem perder o chão. Travessia de tribos nômades, caravanas, constelações de afetos e afecções que nos atravessam e nos tornam outro, fazem de nós “um homem”.

E é disso que o presente ensaio pretende tratar, do engendramento de uma outra sensibilidade, de uma “nova suavidade” ou uma “nova doçura” (GUATTARI e ROLNIK, 2015) a partir das marcas que se dão nos encontros entre “O Homem” com as crianças e as mulheres, na “zona de vizinhança e indiscernibilidade” (DELEUZE, 1997, p. 11) que se constitui nas escolas de infância.

¹ Evento realizado na Universidade de São Paulo (USP), intitulado “Homens na Educação Infantil: debates e proposições científicas em defesa das crianças pequenas”, em dezembro de 2019.

² O termo “O Homem” com as letras ‘O’ e ‘H’ maiúsculas é utilizado aqui para designar a figura conceitual do Homem-adulto-branco-cristão-heterossexual-ocidental-classe média e, em sua contraposição a figura de “um homem”, com pronome indefinido, no singular e com as letras minúsculas.

Para tanto, partiremos de algumas marcas constituídas nesse corpo docente masculino em seus encontros, relações e conexões com as crianças e as mulheres nas creches e pré-escolas; da diferença que a Educação Infantil produz em um homem; de sua condição de estrangeiro nas escolas de infância; da precariedade que ele experiencia junto com suas colegas mulheres; de como é obrigado a se reinventar quando se torna professor de Educação Infantil e de como “O Homem” se subjetiva como um professor da infância. As marcas constituídas nesse campo intensivo convocam um outro corpo, uma nova existência, um outro jeito de ser homem, que chamaremos de “doces bárbaros”³.

Em seguida, abriremos uma caixa de ferramentas conceituais, forjadas nas oficinas de pensamento de um conjunto de autoras e autores contemporâneos, como: Suely Rolnik, Gilles Deleuze, Félix Guattari, René Schérer e Friedrich Nietzsche. Vamos lidar, num primeiro momento, com o conceito de diferença e como ele opera os processos de diferenciação, variação, outramento. Em seguida, procederemos a análise dos devires (devir-criança e devir-mulher) que se dão no habitar as escolas de Educação Infantil.

Tais conceitos nos ajudam a pensar esses processos de subjetivação, essas forças que agem sobre “O Homem” e que o tornam “um homem”, e o fazem engendrar uma nova relação consigo mesmo, com o outro, com o mundo, com o tempo e o espaço, que Suely Rolnik e Félix Guattari nomeiam de “nova suavidade” e “nova doçura” e, que designamos aqui por uma nova sensibilidade.

ECCE HOMO: COMO ALGUÉM SE TORNA O QUE É⁴

Quando um homem adentra uma escola de Educação Infantil, parece que soa um alarme. Todos os olhares se voltam para ele. O sentimento é de que há um “estranho no ninho”⁵. Em nossa sociedade, muitas vezes, a imagem que se tem das escolas de infância é a de abrigo, acolhida, recanto, refúgio. Um ninho. Pequeno, frágil, acolhedor,

³ Grupo musical formado por Gal Costa, Maria Bethânia, Gilberto Gil e Caetano Veloso, em 1976. A turnê de shows deu origem a um disco gravado ao vivo e a um documentário.

⁴ O título da seção faz alusão à obra homônima de Friedrich Nietzsche.

⁵ Alusão ao filme “Um estranho no ninho”. Título original: *One Flew Over the Cuckoo's Nest*. Dirigido por Milos Forman, adaptado do romance homônimo de Ken Kesey.

caloroso e afável. Porém, a figura masculina em nada combina com essa ideia de escola, sendo vista com desconfiança.

Para um homem, chegar em uma creche ou uma pré-escola para assumir o cargo de professor de Educação Infantil não é nada trivial. É no mínimo insólito, para não dizer estranho. As pessoas o olham como um extraterrestre que acaba de pousar sua nave bem no meio da escola e que se dirige à diretora para dizer que aquilo não é um sonho, nem pesadelo, mas que é algo bem real, e que sim, aquele ser será o mais novo professor dali.

Mas por que um homem, apesar disso tudo, escolhe se tornar professor de Educação Infantil? Talvez pouquíssimas sejam aquelas escolhas que realmente fazemos na vida. Ser professor de crianças pequenas, para alguns, se dá por acaso. Mero acidente de percurso. Um lance de dados. Não é um “Eu” que escolhe, mas algo em nós que nos atravessa, nos arrasta, como uma rajada de vento, uma linha de fuga (DELEUZE e PARNET, 1996, p. 152) que nos desloca e nos envia para essa terra estranha chamada Educação Infantil.

Talvez a figura do estrangeiro possa nos ajudar a pensar. O estrangeiro é “aquele que não é do lugar, que acabou de chegar” (PEIXOTO, 1998), aquele que não pertence ou que se considera como não pertencente a um lugar ou região, que é de fora. O estrangeiro aporta em uma terra que não é sua e vê tudo com outros olhos, ele “é capaz de ver aquilo que os que estão lá não podem mais perceber (PEIXOTO, 1998). Ele observa tudo com curiosidade, como se tudo fosse novo, dotado de um frescor. “Ele é capaz de ver as coisas como se fosse a primeira vez e de viver histórias originais” (PEIXOTO, 1998).

O homem que ingressa na Educação Infantil experimenta essa condição de estrangeiridade. Isso porque, de fato, é pouco comum vermos homens atuando como docentes nas creches e pré-escolas. São as mulheres que ocupam majoritariamente os cargos nas escolas de infância. Por essa razão, em termos de número e quantidade elas são a maioria, e o homem, minoria.

Todavia, em nossa sociedade, as mulheres são uma minoria e os homens a maioria. Mas não se trata de números. Mais do que uma grandeza numérica, “O Homem”, e aqui não nos referimos a qualquer homem, ao homem comum, mas ao Homem com ‘H’ maiúsculo, maioritário, Homem-adulto-branco-cristão-heterossexual-ocidental-classe média, é tomado como o padrão, a régua, a [REDACTED] medida, a norma, o normal.

No Ocidente, o padrão de qualquer maioria é: homem, adulto, macho, cidadão. Ezra Pound e Joyce disseram coisas assim. O padrão é esse. Portanto, irá obter a maioria aquele que, em determinado momento, realizar este padrão. Ou seja, a imagem sensata do homem adulto, macho, cidadão. Mas posso dizer que a maioria nunca é ninguém. É um padrão vazio. Só que muitas pessoas se reconhecem neste padrão vazio. Mas, em si, o padrão é vazio. O homem macho, etc. As mulheres vão contar e intervir nesta maioria ou em minorias secundárias a partir de seu grupo relacionado a este padrão. Mas, ao lado disso, o que há? Há todos os devires que são minoria. As mulheres não adquiriram o ser mulher por natureza. Elas têm um devir-mulher. Se elas têm um devir mulher, os homens também o têm. Falamos do devir-animal. As crianças também têm um devir-criança. Não são crianças por natureza. Todos os devires são minoritários. O homem macho, adulto não tem devir. Pode devir mulher e vira minoria (ABECEDÁRIO, 1996).

O que realmente nos interessa aqui não são os números, e sim como “O Homem”, em sua relação com as mulheres e as crianças, pode se tornar “um homem”, se constituir como minoria, minoritário, nos termos que colocam Deleuze e Guattari.

O que define então uma minoria não é o número, são as relações interiores ao número. Uma minoria pode ser numerosa ou mesmo infinita; do mesmo modo uma maioria. O que as distingue é que a relação interior ao número constitui no caso de uma maioria um conjunto, finito ou infinito, mas sempre numerável, enquanto que a minoria se define como conjunto não numerável, qualquer que seja o número de seus elementos. O que caracteriza o inumerável não é nem o conjunto nem os elementos; é antes a conexão, o “e”, que se produz entre os elementos, entre os conjuntos, e que não pertence a qualquer dos dois, que lhes escapa e constitui uma linha de fuga (DELEUZE e GUATTARI, 2012b, p. 186).

Porém, “O Homem” não pode devir-Homem. Não existe devir-Homem, porque “O homem” é uma imagem vazia, um padrão vazio, uma maioria que não é ninguém. Todos os devires são minoritários (ABECEDÁRIO, 1996). Para Deleuze,

O devir não vai no sentido inverso, e não entramos num devir-Homem, uma vez que o homem se apresenta como uma forma de expressão dominante que pretende impor-se a toda matéria, ao passo que mulher, animal ou molécula têm sempre um componente de fuga que se furta à sua própria formalização (DELEUZE, 1997 p. 11)

É na conexão, no entre, na “zona de vizinhança e indiscernibilidade”, nesse lugar fronteiriço, no “e”, que uma diferença pode surgir. É no encontro do olhar estrangeiro do homem com a terra estrangeira da infância; na precariedade que ele experiencia junto com suas colegas mulheres.

Nessas relações desdobra-se a possibilidade de fazer “O Homem” sair de si mesmo; dele se abrir para a alteridade, para o outramento; de arrancá-lo dessa forma-Homem e permitir que sua matéria ganhe outros contornos, de se produzir uma outra sensibilidade, ganhar uma nova suavidade,

de diferir de si mesmo, diferenciar-se, devir, “devir-criança”, “devir-mulher” (DELEUZE e PARNET, 1996, p. 12 e p.100).

A PRODUÇÃO DE OUTRAS POSSIBILIDADES

Pensamos que “O Homem”, ao se tornar um professor nas escolas de infância em seus encontros com as crianças e com as mulheres, é capaz de se lançar, ou antes, ser lançado em um campo intensivo de experimentação, criação e invenção de outras sensibilidades.

A escola de infância é esse lugar que coloca o tempo em suspensão, desloca a cronologia, é capaz de alargar o horizonte, onde por alguns instantes pode-se sentir uma certa sensação de liberdade. O professor se vê liberto do currículo, das cartilhas e dos livros didáticos, do conteúdo programático, daquela configuração da sala de aula com as mesas e cadeiras enfileiradas, de ter que bancar aquela figura séria e sisuda que cobra tarefas, silêncio e atenção.

Ali ele pode brincar de brincadeiras que há tempos tinha se esquecido, e ainda aprender tantas outras novas; levar seu violão ou pandeiro para tocar e cantar com e para as crianças; trabalhar de bermuda, ficar descalço e sentir a areia com os pés; escorregar de papelão morro abaixo, subir nas árvores, dançar sem se sentir ridículo e se divertir; rir e gargalhar. Rir com e das crianças, rir de si mesmo, e - por que não? - até chorar.

As crianças convocam o professor a viver uma outra relação com o tempo e espaço, com o outro, consigo mesmo e com o mundo. Suely Rolnik e Félix Guattari chamaram de nova suavidade “a invenção de uma outra relação” (GUATTARI e ROLNIK, 2005, p. 341). É algo que corresponde “a novos coeficientes de transversalidade, à invenção de novas constelações de Universo (devir-mulher, devir-música, etc.) (GUATTARI; ROLNIK, 2005, p. 342).

É no marco da esquizoanálise que Félix Guattari desdobra ainda algumas palavras sobre esta nova suavidade ou “nova doçura”:

Eis que voltamos à questão da esquizoanálise! Não se trata, como podemos perceber, de uma nova receita psicológica ou psicossociológica, mas de uma prática micropolítica que só tomará sentido em relação a um gigantesco rizoma de revoluções moleculares, proliferando a partir de uma multidão de devires mutantes: devir mulher, devir criança, devir velho, devir animal, planta, cosmos devir invisível... - tantas maneiras de inventar, de “maquinar” novas sensibilidades, novas inteligências da existência, uma nova doçura (GUATTARI, 1981, p. 139).

Não se trata de equiparar a esquizoanálise e a Educação Infantil, mas sem dúvida de pensar também a Educação Infantil como um campo intensivo, no âmbito das revoluções moleculares, de uma prática micropolítica e da instauração de novas sensibilidades, de uma nova doçura, dessa forma outra de inteligir o mundo, a educação, o fazer de um professor que é, também, um homem, uma multiplicidade. Uma multidão de devires mutantes.

Devir-mulher. “Todos os devires começam e passam pelo devir-mulher. É a chave de todos os devires”, diziam Deleuze e Guattari (1997 p. 70). Nas creches e pré-escolas, onde o corpo docente é constituído majoritariamente por mulheres, “O Homem” se vê diante de problemas e questões que suas colegas professoras vivem todos os dias como mulheres, mas que ele, por sua condição, até então não havia experimentado. Sua capacidade profissional é colocada em dúvida, testada, questionada, desacreditada e diminuída por seu gênero; ele é ignorado, silenciado e desqualificado por questões biologizantes; muitas vezes sendo afastado das atribuições designadas para sua função e até obrigado a se transferir ou mudar de cargo pelo simples fato de ser homem. Aqui, como em nenhum outro lugar, “O Homem” se vê questionado, contestado, rebaixado, enfraquecido.

Devir-criança. Dia após dia, o professor de uma escola de infância se vê diante das crianças. E o que elas fazem insistente e incansavelmente? O tiram do sério. Quebram sua seriedade, sua rigidez, sua insensibilidade. Seja com risadas, com lágrimas, com sua peraltice, sua molecagem, sua brejeirice, com pequenos gestos, elas o convocam a testemunhar uma vida que se inaugura, a instauração do novo. As crianças o convidam a se encantar com a imensidão do mundo, compartilham generosamente com ele a grandeza das miudezas do chão, que passam despercebidas na correria do dia a dia. Oferecem um ponto de vista diferente, outra perspectiva, chamam sua atenção para a extraordinariedade do ordinário.

Devires. Diferenciações. Arrancam o homem dessa forma “Homem”, permitindo que sua matéria ganhe outros contornos, criando condições para desprender-se do personagem que aderiu à sua pele, da máscara, da armadura, da identidade, de si mesmo, de sua consciência, seu psiquismo, sua linguagem, seu Ego, seu Eu. Dando lugar ao imprevisto para que surja algo novo, um campo aberto, um deserto. Provocando-o a desaprender o que sabe, a se livrar de tudo aquilo que tem acumulado, da História, da memória, das lembranças, do conhecimento, da ████████████████████ erudição. Colocando-o em movência, em dissolução, desmanchamento, desapego. É preciso sustentar a ruína, a errância, a deriva, o desastre. Tirar as coisas das caixinhas

onde elas estavam encaixadas, retirá-las de suas categorias para que os fluxos produzam outra coisa que nem se sabia que era possível. Faz-se necessário destruir esse “Homem”, causar-lhe a morte e forçá-lo a se reinventar. Produzir um desmoronamento dessa atual configuração para produzir uma diferenciação a altura de sua potência. Reinvenção de si (PELBART, 2019).

CAIXA DE FERRAMENTAS: DIFERENÇAS E DEVIRES

Como se dá esse processo de reinvenção? Como se dão esses devires que podem instaurar essa nova sensibilidade, essa nova doçura? Como “O Homem” pode diferenciar-se de si mesmo e tornar-se “um homem” que é, também, um professor de Educação Infantil?

Para tanto, abriremos uma caixa de ferramentas conceituais, forjadas nas oficinas de pensamento de um conjunto amplo de autores contemporâneos. Vamos lidar, num primeiro momento, com o conceito de diferença e como ele opera os processos de diferenciação. Então, procederemos à análise dos devires que se abrem ao habitar as escolas de Educação Infantil. Começemos pela diferença: de que se trata e como opera?

Diferença não é o contrário de identidade, sua antítese, seu negativo. A diferença não se dá por oposição, contraposição, contradição, “a diferença é mais profunda que a negação, que a contradição” (DELEUZE, 1999, p. 111). Estamos acostumados a pensar dialeticamente (tese, antítese e síntese). A dialética reúne uma diversidade de elementos e as reduz a um jogo de opostos e de contraditórios, a dois pólos, em que a contradição é o motor da diferença.

Diferença não tem a ver com a constatação de diferenças dadas empiricamente, detectáveis e visíveis, de um estado de coisas, de formas distintas e configurações, mas com diferenciações, processos pelos quais algo sofre mutações, transformações, desdobramentos devido às suas relações, conexões, agenciamentos. Mais do que aceitar as diferenças dadas é acompanhar, deixar-se arrastar pelos processos de diferenciação. Diferença é um conceito e não uma constatação empírica (PELBART, 2019).

Somos pouco habituados a conceber “a diferença em si mesma, a relação do diferente com o diferente” (DELEUZE, 2018, p. 13). Muito menos a pensar na diferenciação, no engendramento de diferença, em seus processos de produção, em como algo difere de si mesmo e se torna outro, novo, inédito, inexistente.

Em sua relação com as crianças e as mulheres que se estabelece nas escolas de infância, os professores homens podem entrar em devires: devir-criança, devir-mulher, entre outros. Porém, ao afirmarmos a possibilidade de um devir-criança do professor, não queremos dizer que um professor de Educação Infantil relembrará sua infância e voltará a ser criança.

Em “Kafka: por uma literatura menor”, Deleuze e Guattari cunham o termo “blocos de infância” em oposição às lembranças de infância.

A lembrança opera uma reterritorialização da infância. Mas o bloco de infância funciona totalmente de outro modo: ele é a única e verdadeira vida da criança; ele é desterritorializante; desloca-se no tempo, com o tempo, para reativar o desejo e fazer suas conexões proliferarem; ele é intensivo, e, mesmo nas baixas intensidades, relança delas uma alta (DELEUZE e GUATTARI, 2014, p. 140).

Para os autores, “a lembrança opera uma reterritorialização da infância”. Ela atua como uma representação, uma forma, um retrato que bloqueia e represa as intensidades e o desejo, prende a infância, como um álbum de fotografias que retrata nossa época de crianças. Álbum de retratos que olhamos com nostalgia, como algo que foi perdido, como algo que nos falta.

Os blocos de infância não são falta, mas excesso, e nem estão circunscritos a um tempo passado, eles se deslocam no tempo, “sobre a linha reta do tempo, vindo reanimar o adulto, como se reanima uma marionete, e reinjetando-lhe conexões vivas [...] injetando um pouco de criança no adulto” (DELEUZE e GUATTARI, 2014, p. 141).

Em “Diálogos”, uma série de conversas que Gilles Deleuze realizou com Claire Parnet, há trechos em que o filósofo comenta sua obra com Félix Guattari a respeito da Psicanálise, seus conceitos e procedimentos. Nessa obra o autor afirma:

Nós dizemos o contrário: o inconsciente, não pode ser apreendido, nunca será apreendido, não se trata de um “era” que o “Eu” deve ocupar. É preciso inverter a fórmula freudiana. O inconsciente deve ser produzido. Não tem nada a ver com recordações recalçadas, nem mesmo com fantasmas. Não reproduzimos recordações de infância, produzimos com blocos de infância sempre actuais, os blocos de devir-criança. Cada um fabrica ou agencia, não com o ovo do qual saiu, nem com os progenitores a que isso o ligam, nem com as imagens, que daí tira, nem com a estrutura germinal, mas com o pedaço de placenta que arrebatou, e que lhe é sempre contemporâneo como matéria de experimentação. Produzam o inconsciente, o que não é fácil, não se pode fazer em qualquer sítio, não é um acto falhado, um dito de espírito ou mesmo um sonho. O inconsciente, é uma substância a fabricar, a fazer circular, um espaço social e político a conquistar. Não há sujeito do desejo, como não há objecto. Não há sujeito de enunciação. Os fluxos são a única objectividade do desejo. O desejo é o sistema de signos a-significantes com os quais se produzem fluxos de [REDACTED] inconsciente num campo social. Não há eclosão de desejo, seja onde for, pequena família ou escola do bairro que não ponha em causa as estruturas estabelecidas. O desejo é revolucionário porque quer sempre mais conexões e agenciamentos (DELEUZE e PARNET, 1996, p. 100).

Não se trata de relembrar, rememorar ou de recordar os tempos de criança, de remeter-se a um passado, seja ele bom ou ruim, com suas cenas alegres ou tristes, mas antes, de liberar os “blocos de infância” dessa clausura mnemônica e reativar suas forças no agora, torná-la matéria de experimentação. Não é uma relação com o passado, mas com o futuro.

Só podemos saber o que somos ao final de experimentações, como alguma coisa de futuro. Então, a interpretação voltada para o passado de uma pseudo-infância, e a experimentação voltada, ao contrário, para a exploração de uma futura infância, opõem-se totalmente (DELEUZE, 2018, p. 221).

Com os blocos de infância, Deleuze e Guattari tentam extrair da infância suas intensidades, arrastá-las para o presente, atualizar suas virtualidades e colocá-las em novas conexões em prol de um futuro e não de um passado. É a emergência, ressurgência, insurgência, irradiação de uma infância.

Como diz René Schérer

O bloco é a infância preservada, resistente, emergindo como um iceberg, do mar profundo; a infância irradiante como um cristal – ela própria “cristal do tempo”, de acordo com a expressão forjada por Gilles Deleuze – e que, contra qualquer corrosão e ameaça, forma um bloco (SCHÉRER, 2009, p. 193).

Ora, não é justamente isso que fazem os artistas e escritores ao mergulhar na infância? O que faz a poesia de Manoel de Barros, ou as personagens crianças de Clarice Lispector senão a operação de reativar, atualizar e fazer proliferar em nós as intensidades que atravessam a infância?

[...] o criador ou o descobridor do novo (“o gênio”) está em afinidade com a infância: entre o adulto que ele é e tal como ele era criança, não houve ruptura, mas continuidade. Ou melhor ainda, existe um terreno comum onde eles se encontram, há passagem de um para o outro e, entre eles, indistinção. A criação do gênio não é lembrança, mas ressurgência, emergência de um fundo comum, que a criança – ou a infância – anima com sua sensibilidade e que o artista consegue exprimir (SCHÉRER, 2009, p. 192).

Em uma entrevista sobre o Anti-Édipo, com Raymond Bellour, Deleuze e Guattari colocam em oposição a máquina de interpretação da Psicanálise e a máquina de experimentação própria do que eles chamaram de Esquizoanálise. Ao invés de realizar uma anamnese, voltar-se para o passado e interpretar as lembranças da infância, constituir uma memória, é preciso esquecer. “Quanto mais você

esquece, melhor, quanto mais você esquece, mais você vive. Quanto menos você sabe o que é, melhor” (DELEUZE, 2018, p. 222).

É uma afirmação puramente nietzscheana. Em *Genealogia da Moral*, Nietzsche trata do esquecimento como uma força ativa, uma forma de saúde forte.

Fechar temporariamente as portas e janelas da consciência; permanecer imperturbado pelo barulho e luta do nosso submundo de órgãos serviais a cooperar e divergir; um pouco de sossego, um pouco de tabula rasa da consciência, para que novamente haja lugar para o novo, sobretudo para as funções e os funcionários mais nobres, para o reger, prever, predeterminar (pois nosso organismo é disposto hierarquicamente) - eis a utilidade do esquecimento, ativo, como disse, espécie de guardião da porta, zelador da ordem psíquica. da paz, da etiqueta: com o que logo se vê que não poderia haver felicidade, jovialidade, esperança, orgulho, presente, sem o esquecimento (NIETZSCHE, 1998, p. 48).

Esquecer o passado a fim de que algo possa surgir no presente. Esquecer para que novos processos de experimentação se inaugurem. Se estamos saturados de história e memória, de interpretações das nossas lembranças de infância, não há como experimentar, criar, inventar. Não há maneira de nos tornarmos outra coisa.

E, assim como o devir-criança não são as lembranças de infância, não é relembrar, rememorar, reviver a época de criança, o devir-mulher de um professor também não é alegar que ele será mais feminino ou sensível.

Não é que o homem se tornará uma criança ou uma mulher, ou que agirá como se fosse uma delas. Devir não é imitação, assimilação, mimetização. É se tornar outra coisa, ao mesmo tempo em que essa coisa também devém algo.

Que zona de vizinhança é possível estabelecer nas escolas de infância? Como fazer das creches e pré-escolas um campo de experimentação, invenção e criação de outras sensibilidades em que “O Homem” pode se tornar “um homem” e, “um homem” pode devir outra coisa?

Não se sabe ao certo, de antemão. Nada está pré-determinado, é preciso experimentar, por em curso uma certa prática micropolítica, construir para si próprio um “corpo sem órgãos” (DELEUZE e GUATTARI, 2012a). Uma nova sensibilidade é antes de tudo um exercício e não um dado objetivo (GUATTARI e ROLNIK, 2005). É algo a ser conquistado, ou melhor, produzido, engendrado, fabricado, maquinado, agenciado. Não há bulas, manuais ou receitas. Faz-se necessário então lançar-se à correnteza, jogar-se nos fluxos, deixar-se atravessar. Só assim, abrindo o corpo, para a diferença, para os processos de diferenciação, variação,

mutação, outramento, subjetivação, é possível que emergja uma nova sensibilidade, uma nova espécie de homens dotados de doçura e suavidade. Doces bárbaros.

DOCES BÁRBAROS: POR UMA NOVA SENSIBILIDADE

Doces bárbaros são aqueles homens engendrados nos territórios fronteiriços entre mulheres e crianças. Enxertados nos jardins da infância, deram origem a uma outra espécie. Inéditos, novos, inaugurais, estreantes, amadores. Talvez mais suscetíveis às intempéries do mundo, eles riem, gargalham, choram, emocionam-se. Deixam-se levar pela emoção, pelo movimento, pela movência. Mergulham no movimento do mundo. Esposam os fluxos de lágrimas, de risos, de sangue, de palavras, de afetos. São atravessados pelo turbilhão de vozes e de passos apressados que ressoam após a ruidosa campainha. Pisoteados pelos bandos infantes, pelas caravanas nômade, por matilhas de cães indomáveis que uivam e ladram para a lua. Bárbaros, selvagens, incivilizados, imorais. Tem seus contornos desmanchados, manchados, borrados. Seres desmiolados, desmemoriados, esquecediços e avoados. Pensam com os pés, falam com a ponta dos dedos, comem com os olhos e choram pelos cotovelos. Não mais "O Homem", mas "um homem". Bicho-homem. Além-do-homem? Dotados de uma nova sensibilidade, uma nova suavidade, uma nova doçura. Sensíveis, suaves, doces. Doces bárbaros. Bárbaros, magníficos, incríveis. Frutos de núpcias contra-natura, entre reinos. Divinos e monstruosos. Quimeras, sereias, hipogrifos, minotauros. Evolução a-paralela.

A partir das marcas encarnadas em um corpo docente, produzidas no movimento de afetar e ser afetado com as mulheres e crianças que habitam as escolas de infância, deu-se início a uma interlocução entre dois pedagogos, que se traduziu nas seguintes inquietações: Por que é tão significativo que os homens habitem as escolas de infância? Por quais razões deve-se lutar pelo direito de entrar, ocupar, exercer e permanecer no cargo de professor de Educação Infantil?

Vimos, todavia, que a presença masculina na Educação Infantil é extremamente importante, pois as creches e pré-escolas podem ser um campo intensivo de experimentação, criação e invenção, onde os homens se encontram e se relacionam com as mulheres e crianças de um outro lugar, de uma maneira diferente.

Nas escolas de infância, eles são vistos e tratados com estranheza e desconfiança, vivem uma condição de estrangeiridade que deixa marcas em seus corpos. Seus modos de estar e pensar na vida então são colocados em xeque, os homens são obrigados a se repensarem e se modificarem a partir dos encontros, relações, conexões e agenciamentos que estabelecem com as mulheres e as crianças.

Os conceitos de diferença, diferenciação, devires (devir-mulher, devir-criança) e blocos são como que ferramentas do pensamento que nos ajudaram a pensar esses processos de subjetivação, essas forças que agem sobre "O Homem" e que o tornam "um homem", e o fazem engendrar uma nova relação consigo mesmo, com o outro, com o mundo, com o tempo e o espaço, que Suely Rolnik e Félix Guattari nomeiam de nova suavidade e nova doçura e que designamos aqui por uma nova sensibilidade. É que as marcas constituídas nesse campo intensivo convocam um outro corpo, um outra forma, uma nova existência, um outro jeito de ser homem, que denominamos de doces bárbaros.

REFERÊNCIAS

O Abecedário de Gilles Deleuze. Direção: Pierre-André Boutang, Michel Parnet, Claire Parnet. Produção: Edições Montparnasse e Sodaperaga Production. Intérpretes: Gilles Deleuze e Claire Parnet. França: Tv Arte, 1996.

DELEUZE, Gilles. **Bergsonismo**. São Paulo: 34, 1999.

DELEUZE, Gilles. **Cartas e outros textos**. São Paulo: N-1, 2018.

DELEUZE, Gilles. **Crítica e clínica**. São Paulo: 34, 1997.

DELEUZE, Gilles. **Diferença e repetição**. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2018.

DELEUZE, Gilles. **Nietzsche e a Filosofia**. São Paulo: N-1, 2018.

DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. **Kafka: por uma literatura menor**. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.

DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia**. São Paulo: Ed. 34, 2012a. 3v

DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia**. São Paulo: Ed. 34, 1997. 4v

DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia**. São Paulo: Ed. 34, 2012b. 5v

- DELEUZE, Gilles e PARNET, Claire. **Diálogos**. Lisboa: Relógio d'água, 1996.
- GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. **Micropolítica: cartografias do desejo**. Petrópolis: Editora Vozes, 2005.
- GUATTARI, Félix. **Revolução molecular: pulsações políticas do desejo**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1981.
- NIETZSCHE, Friedrich W. **Ecce Homo: como alguém se torna o que é**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- NIETZSCHE, Friedrich W. **Genealogia da moral: uma polêmica**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- PEIXOTO, Nelson Brissac. O olhar estrangeiro. In: NOVAES, Adauto (org.). **O Olhar**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- PELBÁRT, Peter Pál. **Diferença e resistência em tempos de assombro**. 12 ago. 2019, 02 dez. 2019. Notas de aula. São Paulo: Atelier Paulista.
- SCHÉRER, René. **Infantis: Charles Fourier e a infância para além das crianças**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

NOTAS


"DOCES BÁRBAROS": POR UMA NOVA SENSIBILIDADE DOS PROFESSORES HOMENS NA EDUCAÇÃO INFANTIL

"Barbarian sweets": for a new sensitivity of teacher's men in child education

Vitor Janei

Mestre em Educação
Universidade Federal de São Carlos
Centro de Educação e Ciências Humanas
São Carlos, Brasil

vitorjanei@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0003-0954-7689> 

Silvio Ricardo Munari Machado

Doutor em Educação
Pesquisador autônomo

munari.machado@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0003-3700-5908> 

Endereço de correspondência do principal autor

Rua Mário Gessullo, 137 – Conjunto Residencial Butantã, 05540-130, São Paulo/SP, Brasil.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos à Anete Abramowicz pela parceria. 

CONTRIBUIÇÃO DE AUTORIA

Todos os autores contribuíram substancialmente.

CONJUNTO DE DADOS DE PESQUISA

Todo o conjunto de dados que dá suporte aos resultados deste estudo foi publicado no próprio artigo.

FINANCIAMENTO

Não se aplica.

CONSENTIMENTO DE USO DE IMAGEM

Não se aplica.

APROVAÇÃO DE COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

Não se aplica.

CONFLITO DE INTERESSES

Não se aplica.

LICENÇA DE USO – uso exclusivo da revista

Os autores cedem à **Zero-a-Seis** os direitos exclusivos de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a [Licença Creative Commons Attribution](#) (CC BY) 4.0 International. Esta licença permite que **terceiros** remixem, adaptem e criem a partir do trabalho publicado, atribuindo o devido crédito de autoria e publicação inicial neste periódico. Os **autores** têm autorização para assumir contratos adicionais separadamente, para distribuição não exclusiva da versão do trabalho publicada neste periódico (ex.: publicar em repositório institucional, em site pessoal, publicar uma tradução, ou como capítulo de livro), com reconhecimento de autoria e publicação inicial neste periódico.

PUBLISHER – uso exclusivo da revista

Universidade Federal de Santa Catarina. Núcleo de Estudos e Pesquisas da Educação na Pequena Infância - NUPEIN/CED/UFSC. Publicação no [Portal de Periódicos UFSC](#). As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião dos editores ou da universidade.

EDITORES – uso exclusivo da revista

Márcia Buss-Simão e Kátia Agostinho.

HISTÓRICO – uso exclusivo da revista

Recebido em: 15-07-2020 – Aprovado em: 15-09-2020

